Sentido próprio e figurado segundo as perspectivas aristotélica e saussuriana de linguagem

Elisa Marchioro Stumpf

Lauro Gomes

Submetido em 09 de agosto de 2016.

Aceito para publicação em 14 de dezembro de 2016.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 52, dezembro de 2016. p. 494-507

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:
(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

SENTIDO PRÓPRIO E FIGURADO SEGUNDO AS PERSPECTIVAS ARISTOTÉLICA E SAUSSURIANA DE LINGUAGEM

LITERAL AND FIGURATIVE MEANING ACCORDING TO THE ARISTOTELIAN AND SAUSSUREAN VIEWS ON LANGUAGE

Elisa Marchioro Stumpf*
Lauro Gomes**

RESUMO**:** *Este trabalho procura elucidar as noções de sentido próprio e figurado nas concepções de linguagem depreendidas da filosofia aristotélica e da linguística saussuriana. Busca-se mostrar que a distinção tradicionalmente feita entre sentido próprio e figurado é desfeita no século XX pela linguística saussuriana, pelos conceitos de arbitrário, relação e valor linguístico. Para esclarecer as duas abordagens, resgatam-se a perspectiva da retórica clássica e os fundamentos históricos sobre sentido próprio e figurado em Aristóteles e Dumarsais e apresentam-se as reflexões de Saussure sobre sentido, tanto no Curso de Linguística Geral quanto nos Escritos de Linguística Geral. Com isso, espera-se oferecer uma leitura propositiva da obra saussuriana, mostrando seu potencial para a elucidação da capacidade significante da língua.*

PALAVRAS-CHAVE: *sentido próprio; sentido figurado; retórica; Saussure.*

ABSTRACT: *This work discusses the notions of literal and figurative meaning on the conceptions of language inferred from Aristotle's philosophy and Saussure's linguistics. We demonstrate that the distinction between literal meaning and figurative meaning is undone by Saussurean linguistics through the concepts of arbitrary, relation and linguistic value. To clarify both approaches about this object, we analyze the classic rhetorical perspective and the historical basis regarding literal and figurative meaning in Aristotle and Dumarsais. Secondly, we present Saussure's reflections about meaning, both in the Course in General Linguistics and in the Writings in General Linguistics. With this paper, we aim to offer a way of reading Saussure's work that shows its potential to explain the signifying power of language.*

KEYWORDS*: literal meaning; figurative meaning; rhetoric; Saussure.*

1. Introdução

A distinção entre sentido próprio e figurado está na base de estudos sobre figuras de linguagem, ou tropos[1], um tópico geralmente relegado à retórica e aos estudos

1* Doutoranda em Letras – Análises textuais, discursivas e enunciativas – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre pela mesma universidade. E-mail: elisa.stumpf@gmail.com.

** Doutorando em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPG Letras – PUCRS), bolsista CNPq, mestre pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: lauro.gomes.001@acad.pucrs.br.

literários. Via de regra, até meados do século XX, as figuras eram analisadas em textos literários ou políticos, já que, segundo apontam Dancygier e Sweetser (2014), sua função costumava ser considerada meramente estética ou decorativa, embora Dumarsais (1988, p. 63) já advertisse, em 1730, que "não há nada de tão natural, ordinário e comum como as figuras na linguagem dos homens"[2].

Foi necessário esperar até a segunda metade do século XX para que as figuras chamassem atenção da linguística. Inicialmente, foi o linguista russo Roman Jakobson (1956) que, ao reler os eixos sintagmático e paradigmático propostos por Saussure, sugere que a metáfora e a metonímia são dois polos de funcionamento da linguagem e que se organizam com base em diferentes relações. Além disso, o autor mostra como elas não estão presentes somente nas artes e na linguagem literária, mas fazem parte da linguagem ordinária, manifestando-se inclusive nos distúrbios afásicos. Posteriormente, Lakoff e Johnson (1980) mostram como a metáfora organiza a cognição humana. Os autores afirmam que a metáfora linguística é um indício do que se passa no nível conceptual. A metáfora, nessa perspectiva, não é vista como algo acessório e dispensável, mas como um aspecto intrínseco à natureza cognitivo-conceptual. Para Kövecses (2005), a metáfora é, de maneira simultânea, um recurso conceitual, linguístico, corpóreo-neural e sociocultural. Com esses estudos, o funcionamento das figuras começa a interessar à linguística, que procura, então, a partir de diferentes perspectivas, desvendar os mecanismos por meio dos quais elas significam, trazendo à tona a distinção entre sentido próprio e figurado. Longe de ser algo evidente e fácil de explicar, elas mobilizam diferentes concepções de língua(gem) e, consequentemente, de como se explica a construção dos sentidos em diversas perspectivas.

A partir da instauração da linguística moderna, o estudo do sentido das unidades linguísticas tem sido relegado à *semântica*, termo proposto por Michel Bréal em 1897 (TAMBA, 2006), ou às semânticas, dada a profusão de perspectivas que atestam a máxima saussuriana de que "o ponto de vista cria o objeto" (*CLG*[3], 1976, p. 15). Entretanto, o estudo do sentido tem suscitado discussões que remontam a épocas muito anteriores e que estão relacionadas a diversos campos científicos, tais como a filosofia, a lógica, a hermenêutica, etc.

Para discutir a distinção entre sentido próprio e figurado, foram eleitas duas perspectivas que não são correntes da semântica *stricto sensu*, mas que tematizam essa questão e, a nosso ver, podem oferecer subsídios para explorar os mecanismos

Tamba-Mecz, em obra intitulada "*Le sens figuré*" (1981), discute a equivalência que existe atualmente entre os termos figura, tropo e metáfora. De acordo com a autora, inicialmente a metáfora era apenas uma espécie de tropo, classe que, por sua vez, pertencia ao conjunto das figuras de discurso. Entretanto, ao longo do tempo, o sentido de "figura" se tornou mais restrito, ao passo que se alargou o sentido de "metáfora", e ambos os termos emprestaram seus sentidos à palavra tropo. Neste trabalho, usaremos o termo figura de maneira genérica para designar todo e qualquer segmento de discurso em que se percebe a emergência de um sentido dito "figurado".

2 No original: "*il n'y a rien de si naturel, de si ordinaire et de si commun que les figures dans le langage des hommes*". Todos os trechos traduzidos de obras não lançadas em português são de nossa autoria.

3Daqui em diante, será utilizada a sigla *CLG* ou apenas a palavra *Curso* para fazer referência ao *Curso de Linguística Geral*.

linguísticos que estão na base da construção do sentido na língua. Por um lado, a perspectiva aristotélica – fundadora da retórica clássica –, por iniciar o estudo sobre as figuras de linguagem e, dessa forma, oferecer uma explicação para a distinção entre sentido próprio e figurado. A visão de sentido que se depreende dessa perspectiva filosófica supõe a existência de uma significação primeira, diretamente relacionada ao objeto no mundo real, que pode ser modificada, resultando, assim, numa significação figurada. Por outro lado, a teoria proposta por Ferdinand de Saussure, ao fundar a linguística moderna, oferece um arcabouço teórico para se pensar sobre o sentido das unidades linguísticas. A reflexão do mestre genebrino sobre a constituição do sentido oferece um nova visão sobre a linguagem radicalmente diferente da concepção clássica, especialmente na medida em que não mais vê a língua como reflexo da realidade, isto é, como um inventário de etiquetas que se aplicam aos objetos do mundo.

A escolha pela teoria saussuriana se dá visto que, conforme postula Normand (1990, p. 36-37), "na medida em que o *CLG* é uma epistemologia, pode-se encontrar nele os elementos de uma abordagem semântico-linguística ou pelo menos uma indicação dos seus limites"[4]. O cotejo entre o *Curso de Linguística Geral* (*CLG*) e os *Escritos de Linguística Geral* (*ELG*) servirá para demonstrar como a questão do sentido é uma presença constante nas propostas de Saussure sobre o funcionamento do sistema linguístico, que, tomando por base as relações de valor entre as unidades e a arbitrariedade do signo, coloca a noção de sentido no centro das suas reflexões.

Com base em tais considerações, este trabalho propõe-se a discutir o tratamento do sentido na retórica clássica e na perspectiva saussuriana, comparando-as entre si. O fio condutor de nossas reflexões desenvolve-se na ideia de que, para Aristóteles, faz-se a distinção denotação/conotação, uma vez que sua concepção de língua refere o mundo extralinguístico, enquanto para Saussure essa distinção se desfaz na medida em que sua concepção de língua não implica o mundo exterior. Portanto, segundo essa perspectiva, o estudo semântico deve levar em conta o mundo intralinguístico.

Buscam-se, na primeira parte do trabalho, os fundamentos retóricos presentes em Aristóteles e em Dumarsais sobre sentido próprio e figurado, e, na segunda parte, as reflexões saussurianas sobre a natureza do signo linguístico e seu funcionamento no sistema, dando especial atenção aos *Escritos de Linguística Geral*, em cujos manuscritos Saussure desenvolve, ainda que de maneira breve, reflexões mais específicas a respeito de sentido próprio e figurado. Com isso, espera-se mostrar que há outros pontos de vista para se tratar a questão do sentido próprio e figurado além das abordagens clássicas, que remontam à retórica antiga. Em especial, procura-se apresentar como as reflexões saussurianas podem servir de base para a abordagem desse tema, na medida em que, ao propor uma concepção de língua não referencialista, afasta-se das abordagens em voga, apontando para novas maneiras de examinar as relações de sentido na língua.

2. Do nascimento da retórica à distinção de s*entido próprio* e *figurado* na linguagem

4 No original: "*dans la mesure où de CLG est une épistémologie, on peut y trouver les éléments d'une approche sémantique linguistique ou du moins l'indication de ses limites*".

Conta Roland Barthes (1975) que, por volta de 485 a.C., dois tiranos sicilianos, Gelon e Hieron, fizeram deportações, transferências de população para povoar Siracusa e distribuir porções de terras aos mercenários. Quando foram destronados por uma revolta democrática e o povo quis retornar, houve, segundo o referido autor, inúmeros processos, uma vez que os direitos de propriedade eram ainda bastante obscuros. E, por mobilizarem grandes júris populares, esses processos exigiam eloquência para convencer. Nas palavras de Barthes (1975, p. 151, grifo do autor),

> Essa eloqüência, participando simultaneamente da democracia e da demagogia, do judiciário e do político (o que se chamou depois de *deliberativo*), transformou-se rapidamente em objeto de ensino. Os primeiros professores da nova disciplina foram Empédocles de Agrigento, Corax, seu aluno em Siracusa (o primeiro que cobrou suas lições) e Tísias. Esse ensinamento passou mais rapidamente para a Ática (depois das guerras medas), graças às contestações de comerciantes, que reivindicavam seus direitos conjuntamente em Siracusa e Atenas: a retórica já é, em parte, ateniense desde meados do século V.

Nessa perspectiva, a *retórica* – metalinguagem cuja linguagem-objeto é o *discurso* – reinou no Ocidente desde o século V a.C. até o século XIX da era cristã. Durante esse período, conforme comenta Barthes (1975, p. 148), esse "discurso sobre o discurso" comportou várias práticas, dentre as quais uma *técnica/ arte*; um *ensino*; uma *prática lúdica*; uma *moral*; uma *prática social* e também uma *ciência*. Afirma Fiorin (2014, p. 9) que "a retórica é, sem dúvida nenhuma, a disciplina que, na História do Ocidente, deu início aos estudos do discurso". A *retórica* pode ser, nesse sentido, considerada científica na medida em que diz respeito a um campo de observação autônomo, que, de acordo com Barthes (1975), delimita certos efeitos de linguagem. No entanto, ao passo que classifica esses efeitos, também conhecidos por *figuras de retórica*, parece-nos perder um pouco de seu caráter explicativo, científico, cuja percepção buscaremos explicitar na sequência deste trabalho.

A fusão da retórica com a poética é consagrada pelo vocabulário da Idade Média, período em que as artes poéticas eram artes retóricas e os grandes retóricos eram poetas. Essa fusão é essencial, uma vez que está na origem da ideia de literatura. A retórica aristotélica põe o acento no raciocínio e, por esse motivo, segundo explica Barthes (1975, p. 156), a *elocutio* – ou departamento das figuras – é apenas uma parte das artes poéticas. Mais tarde, acontece o oposto: a retórica identifica-se com os problemas, não propriamente de prova, mas de composição e de estilo. Nas palavras de Barthes (1975, p. 156), "Aristóteles define a retórica como 'a arte de extrair de todo sujeito o grau de persuasão que ele comporta'. Ou ainda, 'a faculdade de descobrir especulativamente o que em cada caso é próprio para persuadir'". Nessa perspectiva, a retórica de Aristóteles pode ser entendida como uma retórica da prova e do raciocínio, cuja lógica é adaptada ao senso comum, isto é, à opinião corrente.

De acordo com o livro *Retórica Geral* (DUBOIS *et al*., 1974, p. 66, grifos do autor), a retórica também é definida como "um conjunto de *desvios* suscetíveis de *autocorreção*, isto é, que modificam o nível normal de *redundância* da língua, transgredindo regras, ou inventando outras novas". Segundo esclarecem os referidos autores, os desvios criados por um autor somente são percebidos pelo leitor graças a

uma marca linguística. Em seguida, são reduzidos graças à presença de um *invariante*. O conjunto dessas operações linguístico-discursivas – tanto as que se desenvolvem no produtor como as que têm seu lugar no receptor – produz um efeito estético específico, que pode ser chamado de *ethos* e que, segundo Dubois *et al*. (1974), é o verdadeiro objeto da comunicação artística.

Examinando-se a *Retórica* (2011), pode-se observar claramente que o livro I é o livro do emissor da mensagem, isto é, o livro do orador. O livro II é o livro do receptor da mensagem – o livro do público – em que se focalizam as suas emoções, as suas paixões. E o livro III é o livro por excelência da mensagem. Nele, enfocam-se as *figuras* e também a *taxis* ou *dispositio*, isto é, a ordem das partes do discurso.

Roland Barthes (1975) explica que as *figuras* provêm não só da necessidade de eufemizar, de contornar os tabus, mas também do fato de redistribuir as coisas, dando-lhes uma aparência que, na realidade, não têm. Funcionam, portanto, como uma técnica de ilusão. Apenas a título de exemplificação, revisam-se, aqui, algumas das *figuras* de retórica:

> 1. A *aliteração* é uma repetição aproximada de consoantes num sintagma curto (*o zelo de Lázaro*); quando são os timbres que se repetem, há *apofonia* (*Il pleure dans mon coeur comme il pleut sur la ville*). Houve quem sugerisse que a aliteração muitas vezes é menos intencional do que os críticos e os estilistas costumam pensar; Skinner mostrou que nos Sonetos de Shakespeare as aliterações não ultrapassavam a freqüência normal esperada de letras e grupos de letras. 2. O *anacoluto* é uma ruptura de construção, às vezes falha (*os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto*). 3. A *catacrese* processa-se, quando, na língua, não havendo um termo "próprio", é necessário empregar um "figurado" (as *asas* do moinho). [...] 5. A *hipérbole* consiste em exagerar: seja aumentando (*auxese: ir mais depressa que o vento*), seja diminuindo (*tapinose: mais lentamente que uma tartaruga*). [...] 7. A *perífrase* foi originalmente um subterfúgio de linguagem, usado para evitar algo considerado como tabu. Quando depreciada, denomina-se *perissologia*. (BARTHES, 1975, p. 215-216, grifos do autor).

Toda a construção das *figuras* fundamenta-se, notadamente, na ideia de que há duas linguagens: uma própria e uma figurada, e, consequentemente, que a retórica, na parte da elocução, é um grande painel de *distanciamentos de linguagem*. Desde a Antiguidade, as expressões meta-retóricas que atestam tal crença são inumeráveis: na *elocutio* (*campo das figuras*), as palavras são, de acordo com Barthes (1975, p. 216, grifos do autor), "'*transportadas', 'desviadas', 'afastadas'* para longe de seu habitat normal e familiar". Nessa parte III, Aristóteles explicita um gosto pelo que é de fora. Por isso, afirma ser necessário afastar-se das locuções comuns e que é possível experimentar as mesmas impressões quando em presença de estrangeiros.

Segundo os ensinamentos filosóficos de Aristóteles, dever-se-ia dar ao estilo um sabor estrangeiro, uma vez que o que vem de longe provoca admiração. Comenta Barthes (1975, p. 217) que há uma certa relação de "'estrangeiridade' entre as ditas 'palavras comuns' usadas por todos nós (mas quem é este 'nós'?), e as 'palavras ilustres', palavras estrangeiras de uso cotidiano: 'barbarismos' (palavras dos povos estrangeiros), neologismos, metáforas, etc".

Aristóteles afirmava ser necessário misturar as duas terminologias de palavras, pois, empregando-se apenas as palavras chamadas comuns, tinha-se um discurso considerado *baixo*; e, utilizando-se apenas palavras ilustres, tinha-se um discurso dito *enigmático*. Segundo afirma Barthes (1975), é justamente das noções de *nacional/ estrangeiro* e de *normal/ estranho* que decorre a oposição *próprio/ figurado*.

No entanto, de acordo com o que percebeu Barthes (1975), o sentido próprio não pode ser o sentido muito antigo e sim o sentido imediatamente anterior à criação da figura. Mesmo assim, o próprio, o verdadeiro, é mais uma vez o *antes*. Dessa naturalização do *antes* na retórica clássica, surge, para Barthes (1975, p. 217), o seguinte paradoxo: "como o sentido próprio poderá ser o sentido 'natural', e o sentido figurado, o sentido 'original'?".

Com o passar do tempo e o avanço dos estudos da linguagem, não é apenas esse o problema que se põe relativamente às noções semânticas desenvolvidas no livro III da retórica. Antes de tudo, segundo Dubois *et al*. (1974), as nomenclaturas intermináveis de figuras constituíram, se não a causa profunda, pelo menos o sinal manifesto do declínio da retórica. Também não deve causar excessivo espanto o desprezo com que Charles Bally, no livro *Traité de stylistique française* (1951), referia-se a estes termos técnicos – *catacrese, hipálage, sinédoque, metonímia,* etc. – como não somente pedantes e pesados, mas como termos confusos por não dizerem o que querem dizer e não designarem o que chama de tipos definidos.

É nessa direção de Dubois *et al*. (1974) e de Bally (1951) que se insere o debate proposto por Fiorin (2014, p. 10), na medida em que mostra que, na retórica clássica, "a figura era apresentada como operação formal, sem que se mostrasse que sentido ela criava". Todavia, como bem destaca o referido linguista, as formas da língua existem para produzir sentidos e, por esse motivo, as figuras são operações enunciativas para intensificar o sentido de determinado elemento do discurso. São, conforme Fiorin (2014, p. 10), "mecanismos de construção do discurso" e, por estarem a serviço da persuasão, que constitui a base de toda a relação entre enunciador e enunciatário, têm sempre uma dimensão argumentativa.

Outra obra importante para a retórica é o tratado publicado por Dumarsais em 1730, intitulado *Des tropes ou des différent sens*, que se tornou uma referência nos estudos sobre as figuras e os tropos. Nessa obra, o autor não faz apenas uma lista e classificação dos diferentes tipos de tropos, mas dá indicações a respeito dos seus usos, com abundantes exemplos, e também procura fornecer explicações sobre a constituição dos sentidos das figuras e tropos.

Para Dumarsais (1988, p. 67), as figuras podem ser definidas como

> [...] maneiras de falar distintamente de outras por uma modificação particular, que faz com que sejam reduzidas cada uma a uma espécie particular, e que as torna ou mais vivas ou mais nobres ou mais agradáveis do que as maneiras de falar que exprimem o mesmo fundo de pensamento, sem ter outra modificação particular[5].

5 No original: "*manières de parler distinctement des autres par une modification particulière, qui fait qu'on les réduit chacune à une espèce à part, et qui les rend, ou plus vives, ou plus nobles ou plus agréables que les manières de parler qui expriment le même fonds de pensée, sans avoir d'autre modification particulière*".

Sobre o uso de figuras, conforme afirmamos anteriormente, o gramático (DUMARSAIS, 1988) assevera que elas fazem parte da forma de falar cotidiana até mesmo do homem mais comum e não estão restritas, portanto, a ambientes ou a grupos sociais específicos, com exceção de algumas figuras reservadas para um estilo mais elevado.

Já os tropos constituem uma classe de figuras em que há uma mudança de sentido, ou seja, uma passagem de um sentido próprio a um sentido figurado. No entendimento de Dumarsais, o *sentido próprio* é a primeira significação da palavra e, portanto, ganha existência quando a palavra significa aquilo para o qual foi primitivamente estabelecida. O sentido figurado, por sua vez, decorre da utilização de uma determinada palavra com um outro sentido que não o primeiro (DUMARSAIS, 1988, p. 73). Dessa forma, supõe-se que haja um sentido inerente a uma palavra, dado de antemão, que poderia ser alterado, resultando, assim, em um tropo.

Um dos usos mais frequentes dos tropos serve para, de acordo com autor, "revelar uma ideia principal por meio de uma ideia acessória"[6] (DUMARSAIS, 1980, p. 75). Essa relação entre as ideias acessórias é a fonte dos possíveis sentidos figurados. Para o gramático (DUMARSAIS, 1980, p. 75), "o nome próprio da ideia acessória é frequentemente mais presente na imaginação que o nome da ideia principal, e frequentemente essas ideias acessórias designam os objetos com mais circunstâncias do que seus nomes próprios"[7]. Para ilustrar seu raciocínio, Dumarsais fala de objetos e das suas impressões e cita palavras como voz e máscara, explicando que seus sentidos próprios seriam, respectivamente, o som que sai da boca dos animais e uma cobertura que se coloca na face. Já os seus sentidos figurados seriam opinião, no caso de voz, e pessoa dissimulada, no caso de máscara. Fica evidente, nesses exemplos, o recurso ao mundo exterior para elucidar o sentido próprio dessas palavras.

De acordo com Tamba-Mecz (1981), a teoria dos tropos, não só na sua concepção filosófica, mas também nos estudos retóricos, envolve quatro características em relação ao sentido dos mesmos. Em primeiro lugar, a unidade de sentido que é analisada é a palavra. Em segundo lugar, aos tropos é conferida a capacidade de fazer uma palavra mudar de sentido, dando-lhe um sentido segundo. Em terceiro lugar, esse sentido é considerado como um empréstimo, visto que ele se dá sobre uma substituição de um vocábulo. Por fim, a substituição se dá a partir de relações lógicas que unem os dois sentidos (próprio e o "emprestado"). Essas quatro características se aplicam à teorização de Dumarsais sobre a constituição do sentido próprio e figurado, pois sustenta-se a ideia de que haja um sentido primeiro e intrínseco às palavras da língua, que é dado pela suas relações com o mundo. Todo e qualquer outro sentido dele decorrente seria considerado como figurado. Apesar de manter essa dicotomia, vemos que o gramático admite que as figuras não estão reservadas a um estilo mais elevado, mas, sim, estão presentes na fala cotidiana dos homens comuns. A dicotomia entre

6 No original: "*réveiller une idée principale, par le moyen de quelque idée accessoire*".

7 No original: "*le nom propre de l'idée accessoire est souvent plus présent à l'imagination que le nom de l'idée principale, et souvent aussi ces idées accessoires, désignant les objets avec plus de circonstances que ne feraient les noms propres de ces objets*".

sentido próprio e figurado, embora conservada da visão aristotélica, perde o juízo de valor que se fazia presente, pois não se trata de considerar um superior ao outro.

3. Por que não separar *sentido próprio* de *figurado* na linguística saussuriana?

A investigação do mestre genebrino Ferdinand de Saussure (1857-1913) – considerado o pai da linguística moderna – estabeleceu que a primeira etapa de uma ciência da linguagem deve ser o estudo de seu funcionamento no *aqui* e *no agora*, e não de sua evolução. Essa preocupação de Saussure em compreender o puro funcionamento da linguagem como instituição social, aqui e no momento presente, leva-o a insistir na noção de língua como sistema de signos. Para tanto,

> Saussure volta ao velho problema da natureza do signo, abandonado pelo século XIX historicista. O signo deixa de ser para ele sinônimo de palavra, e a noção de cadeia fônica substitui a de frase: os conceitos de frase e de palavra, transmitidos por uma experiência empírica bi-milenária, são postos de novo em causa fundamentalmente, para saber *como é que isso funciona*. O termo mais importante de Saussure, neste domínio, é *unidade*: ele procura as unidades reais por que é construída a cadeia fónica, sem *a priori* – o que nos leva à noção de codificação. (MOUNIN, 1968, p. 30, grifos do autor).

Para compreender a complexidade do pensamento de Saussure, é necessário trazer à tona um dos seus principais pilares: a língua como sistema de signos e não como uma nomenclatura. Tal concepção está intimamente relacionada com o projeto semiológico projetado por Saussure, que vê a linguística como parte de uma nova ciência, a semiologia, a qual se ocuparia dos diversos sistemas constituídos por signos. O seguinte trecho, em que Saussure discute a organização das ciências na época, deixa claro seu projeto:

> discutiu-se para saber se a linguística pertenceria à ordem das ciências naturais ou das ciências históricas. Ela não pertence a nenhuma das duas, mas a um compartimento de ciências que, se não existe, deveria existir sob o nome de semiologia, ou seja, ciência dos signos ou estudo do que se produz quando o homem procura exprimir seu pensamento por meio de uma convenção necessária. (ELG, 2002, p. 223).

Tanto no *Curso* quanto nos *Escritos*, essa disciplina encontra-se caracterizada de maneira futura e condicional (STUMPF; FARIAS, 2015, p. 162); entretanto, seus fundamentos podem ser depreendidos dos princípios elaborados por Saussure. Isso leva Stumpf e Farias a defender que o espaço dado para a semiologia, tanto no *CLG* quanto no ELG, é maior do que as ocorrências indicam. Para as autoras (2015, p. 173), a semiologia "constitui o próprio ponto de vista que delimita um objeto novo, o único ponto de vista possível para dar conta da especificidade da língua, considerada um sistema de signos que, por sua vez, apoia-se no princípio da arbitrariedade".

No *Curso*, encontramos a seguinte passagem: "para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas" (*CLG*, 1975, p. 79). Esse trecho, se lido sem

maior atenção e juntamente com a ilustração que o acompanha, pode dar a entender que Saussure subscreve a tal definição, embora logo adiante ela seja denunciada como "simplista". Contribui também para essa leitura o exemplo de "*boeuf*", incluído pelos editores, na medida em que não se pode falar de dois significantes distintos para um mesmo significado, confundido, nesse caso, com o objeto no mundo real.

A fim de pensar sobre a constituição de sentido no sistema, mais especificamente a propósito da não diferenciação entre *sentido próprio* e *figurado* na linguagem – segundo o pensamento de Saussure – é preciso evocar, fundamentalmente, os conceitos de *arbitrário*, de *relação* e de *valor linguístico*. Recorre-se, para tanto, ao *CLG* (1975) e ao *ELG* (2012) e também aos leitores e discípulos de Saussure: Bouquet (2000), Normand (2009) e Depecker (2012) – especialmente ao seu trabalho sobre os *Escritos.*

Pensar sobre o *arbitrário* do signo é, antes de tudo, perceber, de acordo com Depecker (2012, p. 85), que, "ao postular que o signo é um todo constituído de uma forma e de um sentido, Saussure rompe com a tradição que geralmente concebe o signo em si mesmo, opondo-o à ideia e à coisa". Considerar apenas o contrato entre a *ideia* e o *símbolo*, como o fizeram os filósofos e os lógicos, por exemplo, significa reduzir a língua a uma nomenclatura de objetos que seriam dados previamente. Para Saussure, o signo não deve imitar ou reproduzir o real, pois é um grupo "significante-significado", forma e sentido mesclados, sendo que o sentido, segundo Depecker (2012, p. 86), "está pelo menos no signo e entre os signos na medida em que ele entra em oposição com outros signos em um sistema dado".

O conceito de arbitrário, para Saussure, apresenta-se de duas formas: o arbitrário interno do signo e o arbitrário sistêmico do signo (BOUQUET, 2000). O primeiro tipo de arbitrariedade diz respeito "ao fato de que um significante dado corresponde a um significado dado" (BOUQUET, 2000, p. 234), relação que pode ser vista de três ângulos diferentes: a) pelo significante, considerando que é arbitrário que um dado significado seja a ele ligado; b) pelo significado, considerando que a sua ligação com um dado significante é arbitrária; e c) pela própria relação: "é arbitrário que esse significante e esse significado sejam ligados no signo" (BOUQUET, 2000, p. 234). No *Curso*, o exemplo mais fidedigno a respeito do arbitrário interno do signo encontra-se no seguinte trecho: "a ideia de 'mar' não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência" (*CLG*, 1975, p. 81-82).

O segundo grau do arbitrário diz respeito ao seu funcionamento dentro do sistema, ou, nas palavras de Bouquet (2000, p. 235), "ao 'corte' realizado por um signo na substância ao qual ele dá forma". Nele, encontram-se outros dois fatos arbitrários: um relacionado ao sistema fonológico e outro, ao sistema semântico de uma dada língua. Pode-se dizer que é contingente a uma determinada língua o fato de ser composta de um número de significantes e significados e as suas características distintivas.

Assumidas essas noções preliminares sobre o *arbitrário*, pode-se relacioná-las com os conceitos saussurianos de *relação* e de *valor*. Para tanto, é importante chamar atenção para a frase que inicia a quarta seção[8] do capítulo IV [9] do *CLG* (1975, p. 139, grifos do autor), depois de já se ter conceituado o *valor linguístico*: "tudo o que precede

8 Esta seção intitula-se "4. O signo considerado na sua totalidade" (*CLG*, 1975, p. 139).

equivale a dizer que *na língua só existem diferenças*". Essa frase não só introduz a discussão sobre a noção de valor na totalidade do signo, como também mostra a complexidade e a profundidade das reflexões saussurianas sobre o sistema linguístico.

Partindo desse princípio saussuriano de que na língua só existem diferenças – sem a presença de termos *positivos* com os quais geralmente as diferenças se estabelecem – compreende-se, ainda, que tudo é negativo na língua. Conforme se pode ler no *ELG* (2012, p. 65, grifos do autor) a esse respeito, "Não há, na língua, nem *signos* nem *significações*, mas DIFERENÇAS de signos e DIFERENÇAS de significação". Negar essa tese significa rejeitar a noção de língua como sistema e – contrariamente ao que postulou Saussure (*CLG*, 1975, p. 131) – passar a assumir que a língua é *substância* e não *forma*.

Partindo, pois, dessa noção de sistema, em que tudo funciona simultaneamente, verifica-se que as noções de *arbitrário*, de *relação* entre signos[10] e de *valor* linguístico deixam muito clara a ideia de que a língua não reflete a realidade, mas a constrói. Acaba-se completamente com a possibilidade de se acrescentar elementos impostos de fora da língua na constituição semântica, por exemplo. Leiam-se palavras do *Curso*:

> Por sua vez, a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema lingüístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valôres cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja. (*CLG*, 1975, p. 132).

Essa passagem do *CLG* permite verificar claramente que, sem a existência do uso e da coletividade do sistema linguístico, o estabelecimento de qualquer que seja o valor torna-se impossível. Nas palavras de Normand (2009, p. 69), "a noção tradicional de signo é completamente transformada numa teoria semiológica da língua que associa *social*, *arbitrário* e *valor*" (grifos da autora). Os valores linguísticos nascem, portanto, do compartilhamento social do sistema e das relações que se estabelecem no seu interior. Desse modo, pode-se afirmar que todos os termos são solidários intralinguisticamente, e o valor de qualquer que seja o termo resulta da presença simultânea de outros. É o que se pode verificar no esquema abaixo:

Fonte: *CLG* (1975, p. 133)

9 O título do capítulo IV é "O valor linguístico" (*CLG*, 1975, p. 130).

10 Como se pode verificar no CLG (1975, p. 142-147), as relações entre signos, no interior do sistema, são *sintagmáticas*, as que existem *in praesentia* – através das quais dois ou mais termos existem numa série efetiva – e *associativas*, as que existem *in absentia*, as que unem termos numa série mnemônica virtual.

Figura 1 – Esquema de solidariedade dos termos

Decorre daí a impossibilidade de continuar fazendo-se a diferenciação entre *sentido próprio* e *figurado*. Na nota 23 da primeira parte do *ELG* (2012, p. 67), a propósito de tais noções, Saussure afirma que "não há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras (ou: as palavras não têm mais sentido figurado do que sentido próprio) porque seu sentido é eminentemente negativo".

Para melhor esclarecer essa ideia, Saussure (*ELG*, 2012, p. 67) exemplifica que, em um enunciado como *És o sol da minha vida!*, usa-se *sol*, porque não se poderia empregar *luz* para a mesma posição. Ao mesmo tempo, se existisse, em francês, um termo que significasse *claridade do sol*, seria absolutamente duvidoso, segundo o mestre, que ainda se empregaria *sol* na "locução supostamente figurada que foi empregada". Possivelmente o termo que se utilizaria seria muito mais expressivo. No entanto, não é a imagem extralinguística que se tem de *sol* que faz a imagem, visto que são as oposições com outros termos relativamente apropriados – como *estrela, astro, alegria, encorajamento*, etc – que a produzem.

Assim sendo, visto que o signo não evoca objetos materiais, como o quiseram os lógicos, por exemplo – a não ser por via negativa – não há mais nada capaz de precisar o seu sentido. Ocorre, entretanto, que, fora do sistema, conforme se lê no *ELG* (2012, p. 69), relativamente à questão de sinonímia, a essência de determinados objetos materiais – como a de *sol*, *água*, *ar*, *árvore*, etc – tende a dar à palavra uma significação positiva. Todas essas denominações, conforme os *Escritos* (2012, p. 69), são, "na realidade", igualmente negativas, uma vez que significam apenas com relação às ideias inseridas em outros termos (igualmente negativos). Porém, não há nenhum objeto, segundo Saussure (*ELG*; 2012, p. 69, grifo do autor), a cuja "denominação não se acrescente uma ou mais ideias, *ditas* acessórias mas, no fundo, exatamente tão importantes quanto a idéia principal".

Dito de outro modo, pode existir significação positiva fora do sistema, mas, nele, a significação é essencial e exclusivamente negativa. Dessa forma, ainda de acordo com Saussure (*ELG*, 2012, p. 69-70), não mais se acredita em uma significação absoluta que se aplique a um objeto determinado, como tradicionalmente se supunha. É por esse motivo, a título de exemplificação, que se faz necessário modificar o termo para o mesmo objeto, chamando a *luz* de *claridade*, de *luar*, de *iluminação*, etc; e que o nome de um "mesmo objeto" serve para muitos outros: a *luz da história*, as *luzes de uma reunião de sábios*, etc. De acordo com o *ELG* (2012, p. 73), "se a idéia positiva de suplício fosse a verdadeira base da idéia de suplício, seria totalmente impossível falar, por exemplo, 'do suplício de usar luvas muito apertadas', que não tem a menor relação com os horrores da grelha e da roda".

Ainda para defender essa ideia, outro argumento levantado por Saussure (*ELG*, 2012, p. 71) é que, desde a idade dos quinze ou dezesseis anos, já se tem um senso

aguçado do que está contido, não apenas na palavra em si, mas em milhares de outras palavras. Por isso, é evidente que o sentido repousa no puro fato negativo da oposição de valores. Nas palavras do mestre (*ELG*, 2012, p. 71), "o tempo materialmente necessário para conhecer o valor positivo dos signos nos seria, cem vezes e mil vezes, insuficiente". Desse modo, como nenhum signo está limitado no total de ideias positivas que concentra em si mesmo – como apenas é limitado negativamente pela presença simultânea de outros signos – é absolutamente inútil procurar qual é o total de significações de uma palavra.

Pensando ainda na não distinção entre sentido próprio e figurado, observem-se palavras de Saussure:

> E esse mesmo fato, puramente negativo, da oposição com as palavras comparáveis, é também o único que gera a precisão dos empregos "figurados"; nós negamos, na realidade, que eles sejam figurados, porque nós negamos que uma palavra tenha uma significação positiva. Toda espécie de emprego que não cai no raio de ação de uma outra palavra não é apenas parte integrante, mas é também parte constitutiva do sentido dessa palavra, e essa palavra não tem, na realidade, outro sentido além da soma dos sentidos não reclamados. (*ELG*, 2012, p. 74).

4. Considerações finais

Como se pôde observar ao longo deste trabalho, a última aventura da retórica aristotélica está no fato de opor-se à poética, em proveito de uma noção transcendente hoje chamada *literatura*. Não é mais constituída apenas como objeto de ensino, mas torna-se uma arte no sentido moderno. É uma teoria da arte de *escrever* e um tesouro das formas literárias. Por isso, dentro desse contexto de literariedade, a diferenciação entre sentido próprio e figurado na linguagem é ainda bastante cara aos estudos retóricos. Notadamente, é esta a noção que sustenta a abordagem das *figuras*, também chamadas *tropos*, e que ainda se encontra amplamente difundida em materiais de ensino de línguas, tais como gramáticas, livros didáticos e dicionários.

Para poder explorar a potencialidade da reflexão saussuriana, julgou-se produtivo cotejá-la com a retórica clássica na medida em que é essa perspectiva que está na base das descrições mais difundidas em gramáticas e manuais de estilística. É importante salientar que não se trata apenas de comparar teorias que não compartilham de uma base epistemológica comum nem, tampouco, de promover um autor em detrimento de outro. A distinção entre sentido próprio e figurado tem sido fértil para os estudos da linguagem, na medida em que permite a descrição dos mecanismos da significação. No entanto, com a fundação da linguística moderna, toma-se como tarefa não somente descrever, mas também explicar os fenômenos linguísticos do ponto de vista semântico.

No século XX, as noções sobre *arbitrário*, *relação* e *valor linguístico*, trazidas para a linguística moderna por Ferdinand de Saussure, acabam com a clássica diferenciação aristotélica entre *sentido próprio* e *figurado* na linguagem. Ao deixar claro, no *Curso de Linguística Geral* e nos *Escritos de Linguística Geral*, que na língua só existem diferenças de signos e diferenças de significações, que tudo é negativo no

sistema, Saussure rejeita a imposição de elementos extralinguísticos na constituição do sentido.

Ao explorar as diferentes concepções de sentido em ambas as perspectivas, este trabalho espera contribuir para o desenvolvimento de uma abordagem saussuriana, frequentemente ignorada na discussão sobre sentido próprio e figurado. Convém salientar que, desde 1916 – data de publicação do *Curso* –, ao mesmo tempo em que os conceitos de *arbitrário*, de *relação* e de *valor linguístico* têm sido consensualmente considerados muito importantes para os estudos da linguagem, também há uma tendência de deixá-los esquecidos ou de tratá-los como secundários. É consensual na área de Letras, entre professores e pesquisadores, a ideia da *negatividade do valor linguístico*. Poucos são, no entanto, aqueles profissionais que realmente se têm movimentado para explicitar a mudança de paradigma de ciência que essa noção implica.

Acredita-se que o potencial das reflexões propostas por Saussure deva ser mais explorado pelos estudos que se debruçam sobre a constituição do sentido das entidades linguísticas. Isso pode ser feito não apenas se concedendo o valor dos fundamentos saussurianos na fundação da linguística moderna, mas também reconhecendo o potencial de sua operacionalização na descrição e explicação de fenômenos que envolvem a essência dupla da linguagem, como é o caso da semântica. Desse modo, mostra-se como Saussure pode oferecer contribuições para estudos sobre a constituição de sentido em diversas atividades de linguagem dos falantes.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica.*Tradução e notas: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française II*. 3 ed., Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.

BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica.* Trad. Leda Pinto Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 147-224.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

DANCYGIER, Barbara; SWEESTER, Eve. *Figurative language*. Londres: Cambridge University Press, 2014.

DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DUBOIS, Jean et al. *Retórica Geral.* Trad. Carlos Felipe Moisés et al. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1974

DUMARSAIS, César Chesneau. *Des tropes ou des différents sens.* Paris: Flammarion, 1988.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

JAKOBSON, Roman. Two Aspects of Language and Two Types of Aphasic Disturbances. In: JAKOBSON, R.; HALLE, M. *Fundamentals of Language.* Haia: Mouton & Co., 1956.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture*: universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
MOUNIN, Georges. *Introdução à linguística.* São Paulo: Martins Fontes, 1968.
NORMAND, Claudine. Le CLG: une théorie de la signification? In: NORMAND, C. *La quadrature du sens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
_____. *Saussure*. Tradução A. de Alencar e M. Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral.* Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
_____. *Escritos de Linguística Geral*. BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf (orgs.) e WEIL, Antoinette (Col.). Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012. 296p.
STUMPF, Elisa Marchioro; FARIAS, Bruna Sommer. A semiologia saussuriana e a ampliação da significação com base nas propriedades do signo. In: PINHEIRO, Clemilton Lopes, LIMA, Maria Hozanete de (Orgs.). *Diálogos*: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos. Natal: EDUFRN, 2015.
TAMBA-MECZ, Irène. *Le sens figuré*: vers une théorie de l'énonciation figurative. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.
TAMBA, Irène. *A semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.